



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

RAFAELA RODRIGUES DE JESUS

ENSINO DE HISTÓRIA PARA SURDOS:
DILEMAS ENFRENTADOS

SÃO CRISTÓVÃO

2023

RAFAELA RODRIGUES DE JESUS

ENSINO DE HISTÓRIA PARA SURDOS:
DILEMAS ENFRENTADOS

Artigo apresentado ao curso de Licenciatura em História do Departamento de História da Universidade Federal de Sergipe, como requisito parcial à obtenção do grau de Licenciada em História.

Orientador: Aaron Sena Cerqueira Reis

SÃO CRISTÓVÃO

2023

RESUMO

Neste trabalho, apresentamos os dilemas entre as relações existentes entre o Ensino de História e a Educação de Surdos, em objetivo de entender o estado da arte. Feito através de pesquisas em sites, em busca de dissertações que trabalhassem a temática da educação de surdos e artigos que trabalhassem a mesma temática, além do ensino de história para surdos. A plataforma utilizada foi o *Periódicos CAPES*, utilizando-se de palavras-chave, como: “história”, “ensino” e “surdez”, sob o uso do operador booleano “AND”. Mediante a pesquisa foram encontrados nove (9) artigos que atingiam nosso foco de pesquisa, Educação dos surdos e Ensino de História. Os textos selecionados abordam desde a breve história do surdo no Brasil, à formação inicial e continuada de professores, além da importância de uma abordagem multicultural e intercultural, para um currículo de história inclusivo.

Palavras-chave: Ensino de História. Educação de Surdos. Formação. Inclusão.

ABSTRACT

In this work, we present the dilemmas between the existing relations between the Teaching of History and the Education of the Deaf, in order to understand the state of the art. Made through research on websites, in search of dissertations that worked on the theme of education for the deaf and articles that worked on the same theme, in addition to teaching history for the deaf. The platform used was Periódicos CAPES, using keywords such as: “history”, “teaching” and “deafness”, using the Boolean operator “AND”. Through the search, nine (9) articles were found that reached our research focus, Deaf Education and History Teaching. The selected texts address from the brief history of the deaf in Brazil, to initial training, deficit in teacher training and continuing, in addition to the importance of a multiculturalism and intercultural approach to the deaf, for an inclusive history curriculum.

Keywords: History Teaching. Deaf Education. Training. Inclusion

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	6
2. BREVE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO DE SURDOS NO BRASIL.....	6
3. A IMPORTÂNCIA DO ENSINO DE HISTÓRIA PARA SURDOS.....	9
4. PERCURSO METODOLÓGICO.....	11
5. O QUE DIZEM OS ARTIGOS SOBRE O ENSINO DE HISTÓRIA E EDUCAÇÃO DE SURDOS.....	15
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	21
REFERÊNCIAS.....	22

1. INTRODUÇÃO

O estudo em questão buscou trabalhar o ensino de história para pessoas surdas e os dilemas enfrentados, tanto pelos profissionais de educação de escolas regulares e especiais, quanto pelos surdos. O ensino de História para surdos no Brasil, principalmente em escolas regulares, quanto em escolas especiais, ainda ocorre de maneira deficitária. É uma luta trilhada desde o século XIX, com a implementação do atualmente intitulado INES – Instituto Nacional de Educação de Surdos.

A importância do ensino de história para surdos no Brasil se dá por diversos aspectos, como a invisibilidade da história dos surdos no currículo de história, quanto as tentativas feitas por professores para passar os conteúdos para o alunado surdo, quanto para o aluno surdo que sente-se prejudicado na aprendizagem, a ausência de intérpretes/tradutores em sala de aula, falta de comunicação entre professores de escolas regulares e intérpretes, falta de informação por parte das escolas, falta de preparação/formação das faculdades, ausência de formação continuada pelas Secretarias de Educação, entre outros assuntos que alimentaram a vontade de buscar mais sobre essa importância e o porquê da escassez das pesquisas sobre a temática.

Partindo desse pressuposto, encetamos uma investigação do estado da arte na tentativa de perceber como as pesquisas desenvolvidas no Brasil analisam a relação entre os campos do Ensino de História e da Educação de Surdos. O estudo foi realizado através da plataforma Periódicos CAPES que nos apresentou os escassos trabalhos feitos sobre a educação de surdos no Brasil e principalmente sobre o ensino de história para surdos.

O trabalho está dividido em 6 seções, incluindo a introdução e as considerações finais. Inicialmente, traçamos um breve panorama histórico acerca da Educação de Surdos no Brasil. Em seguida, ressaltamos a importância de refletir o ensino de História para surdos. Posteriormente, apresentamos o percurso metodológico da pesquisa. Finalmente, analisamos os dados coletados.

2. BREVE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO DE SURDOS NO BRASIL

Somente no século XIX, precisamente no ano de 1855, D. Pedro II dá o primeiro passo para a Educação de surdos ao trazer da França Ernest Huet, um professor surdo. Mas somente em 1857 no Rio de Janeiro é que foi fundada a primeira escola especializada, o Imperial Instituto de Surdos Mudos, que atualmente recebe o nome de Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES). Durante tempos foi a única escola voltada para o ensino dos surdos no Brasil. Entre os intelectuais que assumiram a direção do INES, podemos mencionar Ernest Huet de

1857 a 1862, Manoel de Magalhães de 1862 a 1868 e Tobias Leite em 1868 (KALATAI; STREIECHEN, 2013, p.3).

Em 1873 foi aprovado um projeto de regulamento que obrigava o ensino profissionalizante e o ensino da “língua articulada e leitura sobre os lábios”, ou popularmente conhecido como mímica e leitura labial. O foco era para que os surdos tivessem um ensino da fala e da leitura orofacial, para que pudessem se comunicar com as pessoas ouvintes, ou como intitulavam, “pessoas normais”. A partir de então, observamos o surgimento de diferentes métodos como o oralismo, o bimodalismo ou “comunicação total” e, finalmente, o bilinguismo (KALATAI; STREIECHEN, 2013, p.3)

Por oralismo, entende-se que foi a proposta incluída na educação dos surdos para que não fosse utilizada a língua de sinais para a comunicação. Essa decisão abrangia as salas de aula, ambientes familiares, até reuniões e ambientes com apenas surdos. Enfatizando sempre a língua oral, o oralismo tinha como objetivo fazer com que os surdos oralizassem, ou seja, falassem, aprendendo através de leitura labial as palavras, que para eles não faziam diferença, pois não sabiam o que estavam a pronunciar. A “comunicação total” é representada pela autenticidade da língua de sinais e do português em níveis de qualidade e importância equiparados. Finalmente, o bilinguismo é o modelo adotado como “português sinalizado” (QUADROS, 1997, p.24).

A presença do preconceito era constante, as autoras Kalatai e Streiechen (2013) bordam o sistema que existia à época, de modo que muitos dos ensinamentos eram feitos através de demasiadas crueldades, incluindo assassinatos contra crianças que nasciam surdas, correntes para segurar suas mãos, sentar-se sobre as mesmas para que fossem oralizadas. Em seguida à essa frustração do Oralismo, foi decidido a utilização de outra metodologia de educação, a Comunicação Total, esta por sua vez permitia o uso da língua de sinais, mas, além da língua de sinais poderiam ser utilizados gestos, mímicas, todo e qualquer modo de comunicação entre surdos e surdo e ouvinte. (KALATAI; STREIECHEN, 2013, p. 4-7).

Nos últimos anos, os surdos obtiveram algumas conquistas, como a oficialização da Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS, através da Lei 10.436 de 24 de abril de 2002, além do Decreto Federal nº 5.626 de dezembro de 2005 que complementou a referida Lei, dando o direito aos surdos de terem a presença de tradutores/intérpretes em espaços públicos ou privados. Tais conquistas são resultantes do trabalho de muitos agentes.

Desde a década de 1990, a pesquisadora Audrei Gesser, por exemplo debruçava-se, sobre a educação de surdos e se questionava como seria dar aulas às crianças surdas. Através

de pesquisas sistemáticas foi possível observar nas salas de aula uma quantidade de crianças surdas que os educadores não conseguiam ensinar de modo igualitário, por outro lado encontrava-se educadores surdos que não eram compreendidos pelos alunos, onde o único meio de comunicação entre eles era a lousa. O primeiro passo para Gesser, seria então conhecer o que era a Língua de Sinais. Seria ela apenas uma modalidade espaço visual? Por esse e inúmeros motivos, como o não reconhecimento da língua de sinais, a não inclusão de alunos surdos em escolas regulares e a não capacitação de professores, Gesser foi em busca de estudos que pudessem ser apresentados à comunidade ouvinte, para que fosse possível o conhecimento não somente da Língua de Sinais, como também da Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS). (GESSER, 2009, p.7-8)

Em suas pesquisas, Gesser destaca que desde o ano de 1960, foi conferido à Língua de Sinais o status linguístico. No entanto, ainda existia o questionamento se a LIBRAS era realmente uma língua. (2009, p.9). Interessada em buscar mais sobre a Língua de Sinais, principalmente sobre a LIBRAS a autora então escreve um livro intitulado “*LIBRAS? Que língua é essa?*” que aborda as crenças, os preconceitos, questionamentos que são vivenciados em torno da Língua de Sinais e em torno da LIBRAS.

Através desse livro, observamos um leque de informações, como uma conversa sob formas de perguntas e respostas que permutam a mente das pessoas e que são feitas aos surdos ou ouvintes que tem contato com surdos. Alguns dos questionamentos trazidos pela autora são bem comuns, como “A língua dos surdos é mímica?”; “A língua de sinais é uma versão sinalizada da língua oral?”; Além destas, possuem perguntas sobre como chama-los “Surdo, surdo-mudo ou deficiente auditivo?”; “O surdo não fala porque não ouve?”; “Todos os surdos fazem leitura labial?”. Enfim, são inúmeras perguntas feitas a critério de curiosidade ou até estudo sobre os surdos. (GESSER, 2009, p.10).

A pergunta se a língua dos surdos é a mímica é bem recorrente, a autora Gesser nega em seu livro que a mímica seja a língua dos surdos, além de mostrar que há diferenças entre mímica e os sinais da LIBRAS, de modo que através da Língua de Sinais Americana (ASL) e um conto de uma história foram criados sinais que representassem as palavras ou até frases (GESSER, 2009, p.19-20). Há muito questionamento se a língua de sinais é uma adaptação da nossa língua oral. Ao contrário do que comumente se pensa, a língua de sinais possui sua própria estrutura gramatical, ou seja, ela é autônoma, não depende de quaisquer línguas em sua concepção linguística, como afirma a autora. (GESSER, 2009, p.35).

Outra dúvida frequente é sobre a forma correta de definir a pessoa surda: surdo, surdo-mudo, deficiente auditivo? Será que o ofenderemos chamando-os assim? Qual o modo correto de chama-los? Gesser, aborda em seu livro sobre essa dúvida persistente e que deixam os ouvintes em dúvida. O termo mais apropriado para nos referirmos a uma pessoa que não ouve é surdo, embora admita-se também o termo “deficiente auditivo”. São diversas perguntas que permutam pelo campo da curiosidade sobre os surdos, a educação do surdo e a história do surdo.

3. A IMPORTÂNCIA DO ENSINO DE HISTÓRIA PARA SURDOS

Segundo Kelman e Santos (2020), durante muitos séculos no currículo de História amparado pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC) os surdos estiveram ausentes, o que ocasionou invisibilidade dos mesmos na história humana até os tempos atuais. Os livros didáticos, que são essenciais para a educação de todos e utilizados pelos professores, deveriam serem preparados para a inclusão dos surdos, como aborda as autoras o uso de imagens, uso da pedagogia visual ou letramento visual, auxilia na educação dos surdos.

Para Kelman e Santos (2020) a omissão dos surdos no currículo de História está correlacionada à memória esquecida de séculos da não inclusão. Por muito tempo, ao falar dos surdos, era entendido como uma doente, que prejudicava na aprendizagem. Com o avanço dos estudos socioantropológicos, ramo do conhecimento que estuda o ser humano, e sua cultura, o surdo começou a ser entendido para além de sua diferença, além da surdez. Desse modo, começava-se a compreender o uso da língua de sinais como comunicação e língua própria dos surdos, além de uma série de elementos culturais próprios da comunidade surda. No entanto, por mais que os estudos tivessem avançado e ganhado mais visibilidade, os profissionais de história ainda permaneceram leigos, ignorantes quanto aos elementos mencionados. Acredita-se que essa ignorância é devido a um déficit na formação docente quanto à temática da surdez. (KELMAN; SANTOS, 2020,p. 811-812).

Conforme Lima e Teixeira (2014), desde a Constituição Federal de 1988, juntamente com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), a Lei nº 9.394/96, “a educação constitui um direito de todos e que as pessoas com necessidades educacionais especiais devem ter atendimento educacional realizado preferencialmente na rede regular de ensino” (LIMA, TEIXEIRA, 2014, p. 177). Ou seja, a LDB garante tanto para pessoas que não possuem necessidades especiais, quanto às que possuem, o direito ao ensino, inclusive ao Ensino de História com as adaptações necessárias.

O Ensino de História para surdos desde a Antiguidade foi considerado impossível, essas pessoas eram consideradas não educáveis, como os primitivos. Não havia apoio sobre o ensino de história para os deficientes auditivos pela sociedade, nem pelos seus familiares por serem consideráveis com baixas condições intelectuais. A integração dos surdos em escolas regulares com alunos ouvintes era considerado um absurdo, por acreditarem que os surdos possuíam um déficit cognitivo que afetaria ao seu aprendizado, principalmente relacionado ao ensino de história que são abordados com fatos, datas e momentos marcantes para a nossa história. Como aborda Lima e Teixeira (2014), o ensino submetido aos surdos era conduzido através da oralização, com treinos e testes.

Mas por que o ensino de História é tão importante? Por que o ensino de história é tão importante para os surdos? Embora a resposta pareça óbvia, a conclusão é bastante complexa. O ensino de História serve de modo a conhecer o passado, adquirindo o conhecimento sobre as mudanças que ocorreram nas sociedades passadas, as questões sociais, políticas, econômicas que implicam no presente e irão influenciar no futuro. O ensino de história é responsável por apresentar esta parte histórica, como a própria LDB dispõe na Lei nº 9.394/96 é um direito de todos a educação, aos que precisarem de atendimento especializado, que assim seja disposto aos mesmos.

A compreensão do porquê de nome de ruas, praças, escolas, parques e até bairro, faz-se por meio do conhecimento do ensino de história, a importância de leis, das lutas e dos movimentos que influenciam no que vivenciamos. Como afirma as autoras de acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) de História, para a formação de um sujeito faz-se necessário o conhecimento prévio histórico, para saber posicionar-se de maneira crítica e responsável nas diversas situações sociais (LIMA; TEIXEIRA, 2014, p. 180-181).

A importância da educação de modo geral para os surdos, faz-se necessária como para os ouvintes de modo a obter conhecimento sobre o passado. Conforme Verri e Alegro (2006), somente em 1857 através do Imperial Instituto dos Surdos-Mudos, criado no Rio de Janeiro, foi que surgiu a oportunidade de educação para os surdos. No entanto, a desigualdade ainda persistente atrapalhava no processo de aprendizagem dos estudantes surdos. Por mais que os pesquisadores contribuam para que os surdos possam ter a possibilidade e ter ensino e aprendizagem de História, ainda ocorrem falhas que dificultam esse ensino para os mesmos.

Negligenciar o ensino para alunos não-ouvintes e tratá-los como se não estivessem no mesmo ambiente que alunos ouvintes é um dos processos que esses alunos sofrem, como nas aulas de História que necessitam de sinais próprios condizentes com o assunto e de

conhecimento do intérprete/tradutor e o aluno. Faz-se importante o ensino de História, de modo que possa surgir dúvidas, discussões do que foi o mundo antigo e o que é o mundo contemporâneo, deixando-os sem o conteúdo de sua historicidade, negando-lhes o direito que os pertence (VERRI; ALEGRO, 2006, p. 97-98). Para Reis e Silva (2023), é notório os desafios percorridos primeiramente pelos professores que chegam a escola e não recebem informações básicas como: os perfis dos alunos; o déficit na formação docente para poder lecionar para alunos com deficiências; escassez ou até falta de formação posterior pelas Secretarias de Educação; Ausência de intérpretes em casos de alunos surdos; A falta de planejamento e de materiais para as aulas que atendam todo o público, entre outras situações que deixam o professor em total despreparo, além das resistências de alguns profissionais quanto ao ensino aos alunos surdos (REIS; SILVA, 2023).

As dificuldades encontradas para o Ensino de História para surdos são inúmeras, isso acaba atrapalhando o aprendizado do alunado surdo, seguindo essa mesma linha de argumentação, Reis e Silva alertam sobre alguns dos desafios que os surdos enfrentam, como a compreensão do que o professor fala e/ou escreve na lousa, mediante que a língua principal do surdo é a Língua de Sinais e não a Língua Portuguesa, como também a dificuldade daqueles que são oralizados – “técnica” utilizada para que os surdos falassem – de “lerem” os lábios e acompanharem o conteúdo de forma como os seus colegas ouvintes acompanhavam, são vários os entraves que impediam/impedem o aprendizado de alunos surdos.

Sendo assim, para que se tenha compreensão dos assuntos de História pelo público em geral haveria de ter em sala de aula um professor da disciplina de História, um intérprete, o alunado surdo e que os planejamentos das aulas fossem feitas de maneira em conjunto, com criações de sinais apropriados e com a participação do aluno surdo para sua compreensão, para que acompanhassem o conteúdo de forma íntegra, isso não somente na disciplina de História, mas principalmente nela para entendimento do passado. Se para alunos ouvintes quando se deparam com professores surdos, que utilizam da lousa para passar os conteúdos, encontram dificuldades, imagina para um aluno surdo que depende totalmente da explicação do professor para entender seu passado, sua ancestralidade, sua história.

4. PERCURSO METODOLÓGICO

Considerando a importância do Ensino de História para surdos, realizamos esta pesquisa do Estado da Arte. Como apresenta Romanowski e Ens (2006), o estado da arte consiste em sistematizar dados referentes a um campo de pesquisa específico que acabam por gerar novas

produções, de modo a contribuir para diversas áreas de conhecimento. Mais especificamente, visamos a construção de um “estado de conhecimento”, abordagem que incide sobre um único tipo de pesquisa, em nosso caso, a de artigos científicos (p. 39-40).

Participando desse princípio foram necessárias buscas por plataformas que atendessem à minha necessidade, a busca sobre artigos que abordassem o ensino de história para surdos. Foi encontrada uma plataforma que poderia ser utilizada para a pesquisa, através de palavras-chaves, como “surdez”, “surdo”, “história”, “ensino de história”, “ensino para surdos”, para que pudessem auxiliar nas pesquisas feitas no portal selecionado para a realização da busca por artigos que trabalhem esta área, para isso foi selecionado o Periódicos CAPES ([Portal .periodicos. CAPES - Portal .periodicos. CAPES](http://Portal.periodicos.CAPES-Portal.periodicos.CAPES)) – instituição integrada ao Censo de Educação Básica, que contém dados que possam identificar informações sobre a formação e a atuação de professores.

Foi selecionado apenas o Periódicos CAPES por ser um dos maiores acervos científicos virtuais do país, que reúne e disponibiliza conteúdos produzidos nacionalmente e outros assinados com editoras internacionais a instituições de ensino e pesquisa no Brasil. A partir dos descritores citados acima, foram encontrados 120 artigos. Após a leitura dos títulos e resumos, selecionamos 9 artigos. Como critérios de inclusão, consideramos: artigos que tratassem a temática estudada, escritos em português e disponíveis na íntegra. Assim como critério de exclusão podemos citar: a escrita em outro idioma, não estar disponível na íntegra e não atender à necessidade da temática. Para isso, também fizemos um recorte para a seleção dos artigos, o período que selecionamos sobre a temática foi de 2006 a 2020. Os artigos selecionados, bem como suas características principais, aparecem no quadro a seguir:

Quadro 1 – Artigos selecionados

ANO/ TÍTULO/ AUTORIA	OBJETIVOS	ABORDAGEM TEÓRICO METODOLÓGICA	RESULTADOS
2006. <i>Anotações sobre o processo de ensino e aprendizagem de história para alunos surdos.</i> Célia Regina Verri; Regina Célia Alegro.	Compreender o processo da educação de surdos na disciplina de História, em meio a análises sobre conhecimento prévio de Ausubel, que afirma que é considerado o	Estudo qualitativo, com base no estudo da revisão bibliográfica do processo de aprendizagem de história ao passar do tempo para alunos surdos, suas diferenças	Para as autoras o conhecimento é feito através de um conhecimento pré-existente, fundamentadas pela teoria de Ausubel, que era uma aprendizagem que pressupunha o conhecimento como fenômeno ideal e que não era apenas capaz de resolver

	mais importante fator isolado que influencia na aprendizagem.	e desigualdades. Além do uso de questionários.	problemas. Entretanto, encontrados algumas complicações que dificultam o aprendizado do alunado, como o não conhecimento prévio do alunado e não adequação das aulas para alunos surdos.
2012. <i>O ensino de história para surdos: análise da situação de escolas especiais e de escolas regulares.</i> Carlos Cesar Almeida Furquim Pereira; Rosimar Bortolini Poker.	Analisar as situações das escolas especiais e regulares com base no ensino da disciplina de história para surdos e o método do ensino de história, tanto de professores das escolas regulares, quanto das especiais.	Estudo qualitativo baseado em coleta a base de questionários feitos em escolas regulares e escolas especiais, com a ajuda de professores de ambas as escolas sobre o Ensino de História e como ela é ensinada, feita de modo individual.	Os autores notaram déficits nas formações de professores de disciplinas como história, tanto quanto para professores especializados em educação especial.
2017. <i>Ensino de história para alunos surdos: a construção de conhecimento histórico a partir de sequências didáticas.</i> Patrícia Bastos de Azevedo; Camilla Oliveira Mattos.	Entender como através de materiais didáticos feitos por profissionais do Mestrado Profissional em Ensino de História, auxilia na construção do conhecimento dos alunos surdos e o respeito à sua cultura.	Estudo qualitativo, baseado na observação participante, contando com o auxílio de uma intérprete para o letramento dos alunos surdos. O material utilizado foi produzido no Mestrado Profissional em Ensino de História da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro.	As autoras entenderam como resultado a falta de um conhecimento prévio, sendo necessário por parte do professor, além dos materiais didáticos-pedagógicos que não são preparados, o que dificulta ainda mais o aprendizado do aluno surdo. Além da falta do uso de sua língua (L ¹) Libras para ensino dos conteúdos e conhecimento histórico.
2017. <i>Ensino de História para alunos surdos: práticas educacionais em Escola Pública de Educação de Surdos em São Paulo.</i> Carlos Cesar Almeida Furquim Pereira.	Compreender como eram as práticas educacionais na Escola Pública de Surdos em São Paulo, principalmente sobre o Ensino de História, focalizando na contribuição de discussões sobre o ensino Bilíngue para educação dos surdos em escolas específicas.	Estudo qualitativo, onde o autor faz seu estudo através da observação didática da colonização da América Portuguesa entre os séculos XVI e XVIII, na Escola Municipal de Educação Bilíngue para Surdos em São Paulo, em três turmas de 7º ano, em 2013.	Para o autor, o ensino de história para surdos é possível mediante a junção da Libras, primeira língua dos surdos, e a junção dos conceitos e conteúdos históricos, facilitando na aprendizagem do alunado surdo. Além de contar com utilização de filmes legendados e intervenções do professor para explicação, auxiliando no aprendizado do aluno surdo.

<p>2018. <i>O youtuber como professor de história: diálogos entre história pública e história digital na educação de surdos.</i></p> <p>Ernesto Padovani Netto.</p>	<p>Propor a construção de materiais pedagógicos que aproximem o ensino de história para surdos através do meio digital, com a criação de canal no Youtuber e páginas no facebook.</p>	<p>Estudo qualitativo com base na revisão bibliográfica do estudo empírico da dissertação feita no mestrado profissional de ensino de história (PROFHISTÓRIA), no campus de Ananindeua, localizado no estado do Pará.</p>	<p>Como resultado, o autor acredita que a criação de canal no Youtube e página no Facebook possam auxiliar, incluindo a comunidade surda no meio digital. Além de ressaltar a oficialização da Língua de Sinais e a importância de uma educação bilíngue. E os meios digitais e inclusão de surdos neles.</p>
<p>2020. <i>Aspectos teóricos na relação entre linguagem, surdez, letramento e ensino de história.</i></p> <p>Camilla Oliveira Mattos; Patricia Bastos Azevedo.</p>	<p>Analisar as dificuldades e potencialidades sobre o conhecimento histórico. Correlacionando à escassez de aprofundamento nos estudos da área, contando com o suporte dos estudo feitos sobre o ensino de história, o letramento, a linguagem e a surdez.</p>	<p>Estudo qualitativo com base no estudo de revisão bibliográfica dos conhecimentos históricos, além dos conceitos do ensino de história, letramento, linguagem e surdez.</p>	<p>As autoras chegaram à conclusão que ainda há escassez de pesquisas sobre a área do ensino para surdos, além de ressaltar a importância do letramento, do ensino de história, da linguagem e da surdez na educação. No campo da Educação e da Linguística almejam que unam-se ao ensino de história e possam incluir a Língua Portuguesa e a Libras.</p>
<p>2020. <i>Em outras palavras. Um currículo intercultural no ensino de História para alunos surdos.</i></p> <p>Celeste Azulay Kelmam; Paulo José Assumpção dos Santos.</p>	<p>Buscar, através do uso de atividades pedagógicas, decolonizar e incorporar a história dos surdos. Estes, como sujeitos principais da história, dentro da construção de um currículo de diversas culturas.</p>	<p>Estudo qualitativo, ao qual os autores buscam promover uma consciência história sobre a história dos surdos e sobre a problematização da ausência da mesma no currículo da disciplina de História, como método inclusivo.</p>	<p>O autor buscou decolonizar, além de incluir o multiculturalismo e a interculturalidade existente no povo surdo e na história dos surdos. Como a ausência da história dos surdos no currículo da disciplina de história, invisibilidade, a generalização da surdez. Além de salientar a importância de recursos e estratégias didáticas para o ensinamento dos alunos surdos.</p>

<p>2020. <i>Diálogos entre o ensino de história e o uso do português escrito: reflexões em uma escola de surdos.</i> Ana Gabriela da Silva Vieira.</p>	<p>Entender como o uso das metodologias e das práticas pedagógicas influenciam na aprendizagem do ensino de história em classes de alunos surdos, que fazem parte da educação bilíngue, ou seja, educação através da LIBRAS e do português escrito.</p>	<p>Estudo qualitativo, em que a autora/observadora fez um acompanhamento em uma turma do 6º ano no ano de 2017 em uma escola de surdos no Rio Grande do Sul. Além de contar com estudos de caso de outros autores.</p>	<p>A autora observou a dificuldade dos alunos surdos com os materiais e métodos utilizados, mesmo em História de Quadrinhos, textos longos prejudicam os surdos que não possuem a Língua Portuguesa como primeira língua, mas sim a Libras. E nos indaga o que podemos melhorar para aprendizado de conceitos históricos por turmas de alunos surdos?</p>
<p>2020. <i>A história em silêncio: o ensino de história para alunos surdos em Santarém-PA.</i> André Dione Fonseca; Hector Renan da Silveira Calixto; Lino Arlem Azevedo Baia.</p>	<p>Investigar através de uma escola pública localizada em Santarém-PA, que possui alunos surdos as ações e metodologias adquiridas por professores direcionado para o ensino de História para surdos, além de averiguar a relação entre os lecionadores de sala de aula regular e da sala de (AEE).</p>	<p>Estudo qualitativo, em que os observadores fizeram uma investigação em uma escola pública inclusiva em Santarém-PA, a fim de saber como se dá o ensino bilíngue de História para construção de referências historiográficas para o aluno surdo.</p>	<p>Os autores perceberam fatores que tangiam à Educação Inclusiva, sobre as metodologias utilizadas no ensino de História para alunos surdos. Além de notar déficits nas formações, informações, tempo para poderem ir à formação. Por fim, recomenda que se fosse supridas as necessidades teríamos uma inclusão verdadeira em salas de aulas regulares. Além de reforçar a necessidade de mais pesquisas na área e uma educação bilíngue.</p>

Fonte: a autora.

5. O QUE DIZEM OS ARTIGOS SOBRE ENSINO DE HISTÓRIA E EDUCAÇÃO DE SURDOS?

Após análises dos artigos sobre o Ensino de História para surdos, conseguimos identificar três categorias: a primeira categoria intitularemos de *estudantes surdos*, observando os estudos feitos através de entrevistas com estudantes surdos; a segunda categoria chamaremos de *professores/escolas*, tendo como foco os estudos feitos nas escolas; e, por fim, a categoria

chamada de *material didático*, onde foram usados ou criados materiais didáticos como aporte para o ensino.

a) Estudantes surdos

Nesta categoria, podemos destacar os estudos de Verri e Alegro (2006) e Vieira (2020). Para Verri e Alegro em seu estudo foi possível observar diferenças e desigualdades presentes na aprendizagem de história, como a complexidade na aprendizagem de conceitos, a falta de um conhecimento prévio pelo alunado surdo, esse déficit que veio desde o ensino anterior e permeia pelos ensinamentos mais avançados, dificultando o aprofundamento e conhecimento e a aplicação de novos conceitos em séries mais avançadas, como por exemplo a passagem do ensino fundamental para o ensino médio sem conhecimento prévio sobre conceitos em sua primeira língua (Libras). As autoras ainda abordam a aceitação da teoria de Ausubel sobre o aprendizado, acreditando ser um aprendizado significativo que presunha o conhecimento como um fenômeno ideacional e não apenas como capaz de resolver problemas. Ou seja, todo e qualquer conhecimento prévio, seja na disciplina de história ou em quaisquer outras disciplinas, faz-se de extrema importância para o aluno aprender, independente se o aluno for surdo ou ouvinte.

O processo de aprendizagem para o aluno surdo se dá através do espaço viso-gestual, já para o aluno ouvinte, faz-se tanto pelo visual quanto pela oralidade, por este motivo acredita-se que os professores que lecionam para alunos surdos tem que ter uma certa tolerância, paciência quanto ao repassar a explicação para o aluno, pois para isso precisam saber dos conhecimentos prévios que eles possuem, o quesito da escrita do português para os surdos, são dificuldades enfrentadas e relatadas pelos estudantes surdos.

O ensino de história para surdos possui maior complexidade, assim podemos observar devido aos conceitos, aos acontecimentos, conteúdos mais extensos e complexos, tendem a deixar o aluno desanimado e sem entender, devido também à falta de sinais próprios para conceitos de história. Assim também aborda a autora Vieira (2020), a dificuldade de aprendizado dos alunos surdos, feito um acompanhamento por ela numa turma do 6º ano, a complexidade para utilização dos métodos que ali eram utilizados, como o uso de textos escritos, a dificuldade dos conceitos históricos.

Alguns métodos foram utilizados como Histórias em Quadrinhos, abordado no estudo de Vieira (2020), os obstáculos presentes nelas ainda se tornavam presentes, como o desafio da Língua Portuguesa, considerada segunda língua dos surdos, sendo a primeira a Língua

Brasileira de Sinais, outro questionamento observado durante seu acompanhamento em turma com alunos surdos, foi a presença de textos muito longos nas atividades feitas para a classe, sendo que não há domínio do português escrito pelos alunos surdos. Ademais, os conceitos que tanto são ressaltados pelos alunos, mesmo sendo datilografados não conseguem fazer sentido para o aluno surdo.

Por fim, fica o questionamento de Vieira (2020, p. 165): “Quais seriam as possibilidades para o aprendizado de conceitos históricos por turmas de alunos surdos?”

b) Professores/escolas

Nesta categoria, podemos utilizar como destaque os estudos realizados por Pereira e Poker (2012), Pereira (2017), Kelman e Santos (2020) e Fonseca, Calixto e Baia (2020). Aqui poderemos observar os estudos realizados em escolas, com auxílio de professores.

Nos estudos feitos pelos autores, tanto em escolas regulares, quanto em escolas especiais é notório os desafios para o ensino de história, como ela é ensinada, seu método. Foi perceptível em suas pesquisas, como por exemplo na pesquisa feita por Poker e Pereira (2012), alguns aspectos como, os professores de história não possuem especialização em Educação Especial, já os professores que são especialistas em Educação de Deficientes da Audiocomunicação (EDAC), não possuem formação específica na disciplina de História.

Além disso, foi observado uma escassez na presença de intérpretes de Libras nas escolas regulares, sendo insuficiente o aprendizado para alunos do ensino fundamental que não possuíam esses tradutores e passavam para o ensino médio sem saber do conteúdo. Já nas escolas especiais, foram observadas várias formas de comunicação com os alunos, como a Libras, a fala, escrita e os desenhos, como também a presença de mímicas.

Entretanto, nas escolas regulares eram utilizados métodos para as aulas de história, como: recursos expositivos, filmes com legendas em língua portuguesa, utilização de imagem, que solicitavam ao final resumos dos filmes, atividades dos livros didáticos, ou até resumo de algum texto do livro didático, dificultando o aprendizado do alunado surdo. São diversos os problemas que a escolarização dos surdos perpassa, desde a formação dos professores que lecionam em escolas regulares, quanto das escolas especiais. Assim como, o déficit na preparação para o ensino de história para alunos surdos de ambas as partes.

A metodologia do ensino bilíngue, por exemplo, em uma escola pública localizada em Santarém-PA, foi utilizada como local de estudo para saber mais sobre a metodologia do ensino bilíngue de História, por Baia e Calixto (2020). A fim de saber como é feita uma construção de

referências historiográficas para o alunado surdo por parte dos educadores de história que atuavam no ensino médio da escola.

Os estudos feitos nessa escola objetivavam a educação inclusiva, as metodologias que eram utilizadas para a inclusão do alunado surdo em escolas regulares. Foi identificado fatores que tangiam à educação inclusiva, como: 1. Falta de informação na formação; 2. Falta de formação continuada na área da educação especial; 3. Complicações sobre a comunicação em Libras para com os surdos. Por outro lado, os professores do AEE não possuem formação, domínio nas disciplinas, como de história para poder ministrar aula.

É possível observar que muito disso acontece não por falta de interesse do professorado, mas sim por falta de oportunidade, de disponibilidade, como não poder se ausentar do trabalho para executar uma formação continuada para a inclusão de surdos em salas de aula regulares, a não oferta por parte das Secretarias da Educação que ainda conta com um grande déficit, criando até uma falsa imagem de “educação inclusiva”.

Os autores Kelman e Santos (2020) buscou através de atividades pedagógicas decolonizar e incorporar a história dos surdos, sua construção dentro de um currículo de diversas culturas. Ou seja, buscaram promover uma consciência histórica sobre a história dos surdos e a problematização do déficit que existe no currículo da disciplina de História. Ressaltando mais uma vez o déficit na inclusão dos surdos na educação, principalmente no aprendizado do ensino de História, que possui conteúdos mais complexos e longos que dificultam o aprendizado.

Com a nova proposta na construção curricular do ensino de história, a interculturalidade e multiculturalismo fez-se cada vez mais exigente, provocando uma decolonização. O que os estudiosos pretendiam eram fazer com que fosse incluído na história a história dos surdos, por meios de documentários, por exemplo. Além de entender como o processo de decolonizar serviu para ajudar nas rupturas de atitudes e na construção de novas identidades e desafios.

É preciso entender que no multiculturalismo, exige-se o reconhecimento de muitas outras culturas presentes em determinados contextos, como os autores citam o exemplo da surdez, exemplo: há quem já nasça sem audição, há quem perca ao longo da vida, há quem tenha uma leve perda e quem tenha uma grande perda, existem diversas culturas que nos mostram que nem todos os surdos são iguais, cada um possui características próprias, singulares, mas que se interculturalizem entre si.

A invisibilidade vivenciada pelos surdos no currículo de história, causa de acordo com o autor, uma certa irrelevância da trajetória humana deles, o que afeta nos tempos atuais o seu

aprendizado e sua identificação, pois, não eram considerados dentro do “padrão da normalidade”.

Sabemos que as aulas de História são geralmente narradas oralmente. No entanto, isso se torna um grande problema quando se tem algum aluno surdo em sala de aula, em saber quais metodologias os professores despreparados utilizarão para passar o conhecimento para aquele/s aluno/s. Como citado anteriormente por outros autores, um dos métodos mais utilizados para o ensino em salas de aula que possuem alunos surdos é o campo visual, o uso de filmes legendados, nas pesquisas o documentário foi o que mais foi citado para o aprendizado.

De acordo com os autores Pereira e Poker (2012), Pereira (2017), Kelman e Santos (2020) e Calixto e Baia (2020) ainda fazem necessárias mais pesquisas na área, ainda há a necessidade de uma construção de um currículo que aborde também a história de povos, como os povos surdos, assim como de outros povos, impedindo a invisibilidade e a falta de conhecimento por parte da população.

c) Material didático

Por fim, nesta última categoria destacamos os trabalhos feitos por Azevedo e Mattos (2017), Padovani Netto (2018) e Mattos e Azevedo (2020), com uso ou a criação de materiais didáticos.

As autoras Azevedo e Mattos (2017) buscaram entender como através dos materiais didáticos feitos por profissionais do Mestrado Profissional em Ensino de História auxilia na construção do conhecimento dos alunos surdos e o respeito à sua cultura, que é anulada da história curricular. Este material utilizado no estudo das autoras foi produzido na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro.

Para qualquer aluno aprender um novo conteúdo, ele necessita de um conhecimento prévio, além dos conhecimentos academicamente produzidos por eles e os saberes didático-pedagógicos envolvidos no ato de ensinar.

Para Azevedo e Mattos (2017) foi possível identificar em seu estudo fatores que dificultam o aprendizado do alunado surdo, como o não conhecimento prévio sobre conteúdo, juntamente disso advém a dificuldade para aprendizado dos meios de difusão cultural. Além do que, partindo do pressuposto letramento para o ensino de história, foi observado que houve uma restrição do público surdo aos principais meios de comunicação e mídias sociais, existindo apenas poucos interlocutores de sua língua (Libras) para a comunicação nesses meios.

Ademais, foi observado que ainda em 2017 existiam poucas pesquisas sobre o ensino de história para surdos, escassas as produções que poderiam auxiliar os professores no ensino ao alunado surdo, acometendo assim mais erros baseados nas tentativas falhas de seus ensinamentos para alunos surdos.

As autoras sugeriam que existisse um diálogo entre a história e a área de educação. Foi assim que foi utilizado o material didático construído durante o Programa de Mestrado Profissional em Ensino de História (PROFHISTÓRIA) para auxílio aos professores de história na função do letramento histórico. No entanto, encontraram alguns conflitos como a ausência de sinais próprios para os conceitos históricos, acreditando-se que possa ainda ser construído um glossário de sinais históricos, semelhante ao que já existe na área de ciências a partir do “Projeto Surdos”.

Porém, ainda restam dúvidas que precisam ser sanadas, como: “Quais são os conhecimentos prévios que estes alunos possuem para aprender a disciplina de história?”; “Como incentivar a criação de materiais históricos adequados para os surdos?”; “Quais significados históricos os surdos utilizam em seu dia a dia?” (AZEVEDO; MATTOS, 2017. p. 131). São questionamentos que envolvem tanto a área da Educação Especial e necessitam de mais aprofundamento.

Padovani Netto (2018) também propõe a construção de materiais pedagógicos que aproximem o ensino de história para surdos, porém, através do meio digital, como a criação de canal no Youtube e página no Facebook.

O autor buscou por meio destas criações incluir a comunidade surda na História Digital, nos meios digitais, nas mídias sociais, além da influência que ele passou a possibilitar no ensinamento dos alunos surdos. Já no ano de 2018 o autor destacou em seu trabalho empírico a busca sobre a oficialização da Língua de Sinais, como primeira língua dos surdos no Brasil, como também a implantação de escolas bilíngues.

O letramento, ensino de história, a linguagem e a surdez são estudos feitos por Mattos e Azevedo (2020) sobre suas dificuldades e potencialidades sobre o conhecimento histórico. A importância do método do letramento a partir da linguagem para o ensino de história para surdos. Mediante que estes já são bastante afetados com restrições em meios de comunicação e mídias sociais, impactando na aprendizagem dos mesmos.

O ensino de história é composto por conhecimentos pedagógicos e saberes específicos da história disciplinar. A falta de materiais didáticos apropriados, adaptados para que possam ser utilizados pelos professores de história para passar o conhecimento aos alunos surdos.

As autoras debatem em seu estudo o quanto é segregado os estudos acerca do ensino de história para surdos, causando sua exclusão. Além de debaterem sobre a importância de distinguir que para o ensino de surdos a maior dificuldade encontra-se entre a Língua Portuguesa e a Libras, partindo desse ponto é que parte o ensinamento de cada disciplina na sua singularidade.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho, buscamos entender a importância do agente educacional para a educação dos surdos, com base no estado da arte. Para isso, utilizamos de nove (9) artigos, disponíveis no Periódicos CAPES. Os artigos selecionados nos permitiram analisar os objetivos aqui traçados, primeiro analisar a educação de surdos, o ensino de história e as pesquisas feitas nestas áreas.

O processo de aprendizagem de História para surdos foram analisados em cada artigo e divididos em três categorias: a primeira categoria foi a de *estudantes surdos*, onde enfatizamos as pesquisas realizadas com auxílio dos alunos, através de questionários realizados em escolas regulares e escolas especiais; a segunda foi denominada de *professores/escolas* foram estudos realizados dentro das escolas com auxílio dos professores, nesta categoria foram analisados os métodos utilizados por eles para o ensino de história para surdos; a terceira foi intitulada de *material didático*, onde foram realizados trabalhos em salas de aula com auxílio de materiais didáticos ou da criação do mesmo para auxílio na construção do conhecimento dos alunos surdos, além de possibilitar o respeito à sua cultura e sua história.

Os estudos aqui feitos deram ênfase em vários aspectos, como os déficits existentes na educação de professores em suas formações, no desafio por parte dos professores nas salas de aula, a falta de informações pelas escolas de alunos surdos na escola, a ausência de formações continuadas sobre a história do surdo, o não conhecimento prévio sobre o conhecimento do alunado surdo que dificulta cada vez mais sua aprendizagem, além da dificuldade de intérpretes e da comunicação entre esses especialistas em educação especial e os educadores da disciplina de história. Bem como, pudemos observar como existem sugestões para melhoria do ensino de história para surdos, com propostas de inclusão em escolas regulares, escolas bilíngues, como podem mudar pequenas coisas que fazem grande diferença na vida e no aprendizado do alunado surdo.

Apesar disso, em cada estudo analisado entendemos que existe o interesse em dar voz a quem não possui voz e vez. Entretanto, alguns autores nos tendem perguntar: O que podemos

melhorar para a aprendizagem do surdo? Como podemos incluir a história do surdo no currículo de história? Como aprofundar quais conhecimentos prévios os alunos possuem e podem o auxiliar na aprendizagem?

Por fim, ressalto que todos os estudos analisados aqui acerca do ensino de história para surdos tornam-se cada vez mais importantes, em busca de dar voz e vez à cultura surda e à história do povo surdo. Entretanto, verificamos que são escassas as pesquisas feitas sobre esta temática, sobre o ensino para eles. Por isso, que não se deixem de fazer estudos empíricos, que se adentrem em salas de aula, que sejam feitas com auxílio dos professores e de intérpretes, além da participação ativa de alunos surdos, para que possam conferir voz a esses sujeitos. Mesmo após algumas sugestões dadas pelos estudiosos, ainda necessitamos de mais esforços para a educação de surdos e o ensino de história precisa abraçar mais o povo surdo e sua história.

REFERÊNCIAS

AZEVEDO, P. B. de; MATTOS, C. O. Ensino de história para alunos surdos: a construção de conhecimento histórico a partir de sequências didáticas. **PerCursos**, Florianópolis, v. 18, n. 38, p. 112-133, 2017. DOI: 10.5965/1984724618382017112. Disponível em: <https://www.periodicos.udesc.br/index.php/percursos/article/view/1984724618382017112>.

Acesso em: 24 mar. 2023.

AZEVEDO, P. B.; MATTOS, C. O. Aspectos teóricos na relação entre linguagem, surdez, letramento e ensino de história. **Revista de Educação, Ciência e Cultura**, Canoas, v. 25, n. 1, 2020. Disponível em: <https://revistas.unilasalle.edu.br/index.php/Educacao/article/view/5708>.

Acesso em: 24 mar. 2023.

DRAGO, R.; GONTIJO, C. M. M.; RODRIGUES, E. G. Formação de professores e método de ensino para crianças surdas. **Rev. Bras. Ed. Esp.**, Bauru, v.26, n.1, p.143-158, 2020.

FONSECA, A. D.; CALIXTO, H. R. da S.; BAIA, L. A. A. A história em silêncio: o ensino de história para alunos surdos em Santarém-PA. **EDUCA - Revista Multidisciplinar em Educação**, [S. l.], v. 7, n. 17, p. 257–282, 2020. DOI: 10.26568/2359-2087.2020.4886. Disponível em: <https://periodicos.unir.br/index.php/EDUCA/article/view/4886>. Acesso em: 24 mar. 2023.

GESSER, A. **LIBRAS? Que língua é essa?** Crenças e preconceitos em torno da língua de sinais e da realidade surda. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

KALATAI, P.; STREIECHEN, E. M. **As principais metodologias utilizadas na educação dos surdos no Brasil**. Universidade Estadual do Centro Oeste, 2013.

KELMAN, C. A.; SANTOS, P. J. A. dos. Em outras palavras: um currículo intercultural no ensino de História para alunos surdos. **Revista Espaço do Currículo**, [S. l.], v. 13, n. Especial, p. 808–819, 2020. DOI: 10.22478/ufpb.1983-1579.2020v13nEspecial.54416. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/rec/article/view/54416>. Acesso em: 24 mar. 2023.

LIMA, Z. N.; TEIXEIRA, E. C. M. de. O ensino de história e geografia para pessoas surdas: perspectivas atuais. In: LIPPE, E. M. O.; ALVES, F. de S. (orgs.). **Educação para os surdos no Brasil: desafios e perspectivas para o novo milênio**. Curitiba: CRV, 2014, p.177-192.

NETTO, E. P. O youtuber como professor de história: diálogos entre história pública e história digital na educação de surdos. **Revista História Hoje**, [S. l.], v. 7, n. 14, p. 196–217, 2018. DOI: 10.20949/rhhj.v7i14.475. Disponível em: <https://rhhj.anpuh.org/RHHJ/article/view/475>. Acesso em: 24 mar. 2023.

PEREIRA, C. C. A. F. Ensino de História para alunos surdos: práticas educacionais em Escola Pública de Educação de Surdos de São Paulo. **História & Ensino**, [S. l.], v. 23, n. 1, p. 159–172, 2017. DOI: 10.5433/2238-3018.2017v23n1p159. Disponível em: <https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/histensino/article/view/28916>. Acesso em: 24 mar. 2023.

POKER, R. B.; PEREIRA, C. C. A. F. O ensino de história para surdos: análise da situação de escolas especiais e de escolas regulares. **Revista Espaço**, v. 1, n. 38, p. 73-78, 2012. Disponível em: <https://seer.ines.gov.br/index.php/revista-espaco/article/view/1425/1515>. Acesso em: 24 mar. 2023.

QUADROS, R. M. de. **Educação de Surdos: a aquisição da linguagem**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

REIS, A. S. C.; SILVA, J. P. da. Ensino de História e Educação de Surdos: considerações sobre o estado da arte. **Revista História Hoje**, São Paulo, v. 12, n. 24, 2023.

ROMANOWKI, J. P.; ENS, R. T. As pesquisas denominadas do tipo “estado da arte” em educação. **Diálogo Educ.**, Curitiba, n.6.19, p-37-50, 2006.

VERRI, C. R.; ALEGRO, R. C. Anotações sobre o processo de ensino e aprendizagem de história para alunos surdos. **Práxis Educacional**, Vitória da Conquista, v. 2, n. 2, p. 97-114, 2017. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/index.php/praxis/article/view/515>. Acesso em: 24 mar. 2023.

Vieira, A. Diálogos entre o ensino de história e o uso do português escrito: reflexões em uma escola de surdos. **Laplage em Revista**. 6. 155-166. 2020. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/347459590_Dialogos_entre_o_ensino_de_historia_e_o_uso_do_portugues_escrito_reflexoes_em_uma_escola_de_surdos. Acesso em: 24 mar. 2023.